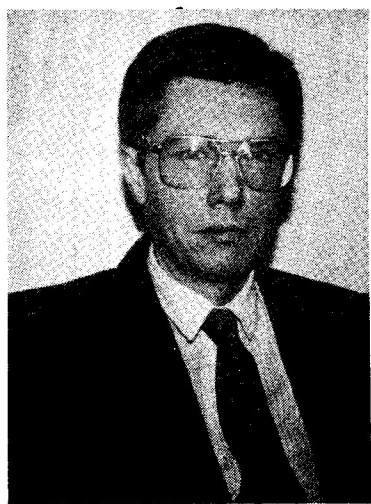


Ministro-conselheiro da URSS a «o Diabo»:

«PERDEMOS 5 MIL MILHÕES DE RUBLOS COM A AVENTURA ANGOLANA...»



Sergei Krilov: «Penso ser difícil a participação de pessoal soviético numa força de interposição em Angola»

SERGEI KRILOV é hoje o ministro-conselheiro da Embaixada da URSS na República Portuguesa. Com apenas 41 anos, tem já na sua «bagagem» diplomática uma importante experiência africana: de 71 a 75 esteve colocado na Embaixada soviética no Zaire; de 75 a 79 fez parte do Departamento Africano do Ministério dos Estrangeiros; de 79 a 86 trabalhou com Gromyko e Shevardnaze no Gabinete do MNE, em Moscovo; até 1990 foi chefe de Gabinete do vice-ministro dos Estrangeiros, Adamishin; e a partir de Abril de 1990 desempenha as actuais funções em Lisboa. Conhecendo directamente mais de 40 países africanos, participou em diversas conversações internacionais na zona, incluindo as que lidaram com a questão da Namíbia. Casado, com dois filhos, aceitou falar sobre os problemas da guerra e paz na antiga África portuguesa, numa altura em que «o Diabo» vai começar a ouvir as várias partes envolvidas nas negociações de Lisboa. Do longo diálogo fica o excerto que segue, e que revela ao público português — pela primeira vez com alguma profundidade — as posições da «nova URSS» face à nova África.

P. — Qual a participação activa da delegação soviética nas conversações de paz sobre Angola, que decorrem em Portugal? Porque é que essa participação é útil? E como vê a URSS a participação de peritos dos EUA no mesmo processo?

S. Krilov — Depois do nosso envolvimento em Angola, durante 15 anos, penso que temos um dever moral de colaborar nas conversações de paz. Às vezes, os negociadores angolanos são como pessoas da mesma aldeia, que ao mesmo tempo são irmãos e inimigos. Pensamos que o nosso papel — e o dos EUA — consiste em ajudar a criar um clima de tranquilidade entre esses irmãos. Participamos como peritos nas conversações porque tal foi desejado e pedido pelas partes, deve dizer-se.

A nossa contribuição parece útil na medida em que possamos usar a nossa experiência para exercer «lobbying» no sentido da paz.

P. — Os EUA mantêm frequentes contactos com a UNITA, no sentido de fazer esse «lobbying» antes e depois das conversações formais. Ainda há pouco Savimbi esteve com James Baker em Paris. A URSS tem também essa capacidade de «lobbying» junto do MPLA?

S. K. — Sim. Por alguma coisa mantemos uma Embaixada em Luanda...

O problema do cessar-fogo

P. — Mudando radicalmente de perspectiva: quem acha que poderia suportar o custo financeiro de um processo de verificação do cessar-fogo em Angola?

S. K. — Não lhe escondo que esse é um problema importante nestas conversações. Penso que há hoje um clima internacional onde se compreende a necessidade premente de acabar com o conflito. Nesse aspecto parece tornar-se possível a repartição de despesas pela comunidade internacional. E o mecanismo usado na Namíbia pode servir de uma espécie de modelo a seguir.

P. — Mas no caso de formação de um contingente de fiscalização e interposição, quem é que o seu governo apoiaria preferencialmente: uma força da ONU?

■ «Geograficamente, Portugal é europeu. Mas está bem perto de África»



«Apesar de ser um exagero dizer que Angola é hoje vital para a URSS, devemos salientar que é um dos poucos países africanos realmente importantes»

Uma força da OUA? Uma força soviético-americano-portuguesa?

S. K. — As discussões sobre esse problema são ainda algo vagas, imprecisas. Pen-

so que a decisão adoptada só seria realizável e eficaz com o acordo das partes. E cada possibilidade que focou tem, do nosso ponto de vista, prós e contras.

Quanto à possibilidade de participação de pessoal soviético e americano, penso que a aceitação é difícil. Não temos experiência da região,

embora os portugueses tenham.

Quanto à força da ONU: há muitas vantagens, e existe já o precedente aberto da Namíbia. Mas teria de existir acordo quanto à composição — país por país — dessas mesmas forças.

No que toca a um contingente da OUA: a vantagem aparente é a de englobar países da zona, mas a verdade é que o dinheiro escasseia aí...

P. — Passando por momentos para outra zona do antigo Mundo Português, Moçambique. Acha que a URSS e os EUA deviam estar representados nas conversações para a paz em Moçambique?

S. K. — Se tal for o desejo das partes. Todavia, penso que o processo de Moçambique se encontra numa fase diferente de negociação. Talvez seja ainda cedo para participarmos.

O balanço angolano

P. — A «Perestroika» foi uma autêntica revolução no seu país. Depois dela pôde começar a falar-se abertamente do passado. Olhando para trás, pode hoje dizer-se que a presença da URSS em Angola, desde 1975, foi ruínosa para Moscovo?

S. K. — Sem dúvida que sim. A presença soviética em África é hoje discutida por quase todos os muitos jornais — de muitas tendências — do meu país. E a conclusão geral é a de que, para nós, a aventura angolana se revelou bastante dispendiosa, embora sem efeito económico visível. Teremos perdido com ela qualquer coisa como 5 mil milhões de rublos, e as pessoas perguntam agora «porquê?». É que a nossa ajuda material não teve correspondência visível. O cidadão comum da URSS pergunta: onde está, em troca, o café ou as bananas?

P. — Angola ainda é uma zona estratégica vital para a URSS? E, não sendo vital, é importante?

S. K. — Penso ser um exagero dizer hoje que a área é vital para nós. Essa visão exagerada ficou a dever-se à posição ideológica dos teóricos influentes em 1975. Mas devo dizer que se trata, ainda assim, de uma zona importante. Veja-se a sua riqueza de agricultura ou pescas. Posso mesmo dizer

Durão Barroso:

«África do Sul tem papel essencial no continente»

«A África do Sul tem um papel essencial a desempenhar no processo político do continente» — afirmou Durão Barroso no almoço de despedida do embaixador Carel Wessels, desenrolado há cerca de duas semanas no Palácio das Necessidades. Durão Barroso salientou que nunca os contactos entre Lisboa e Pretória foram tão intensos

como agora, o que atribui em parte ao dinamismo do embaixador cessante e em parte às novas circunstâncias da RAS.

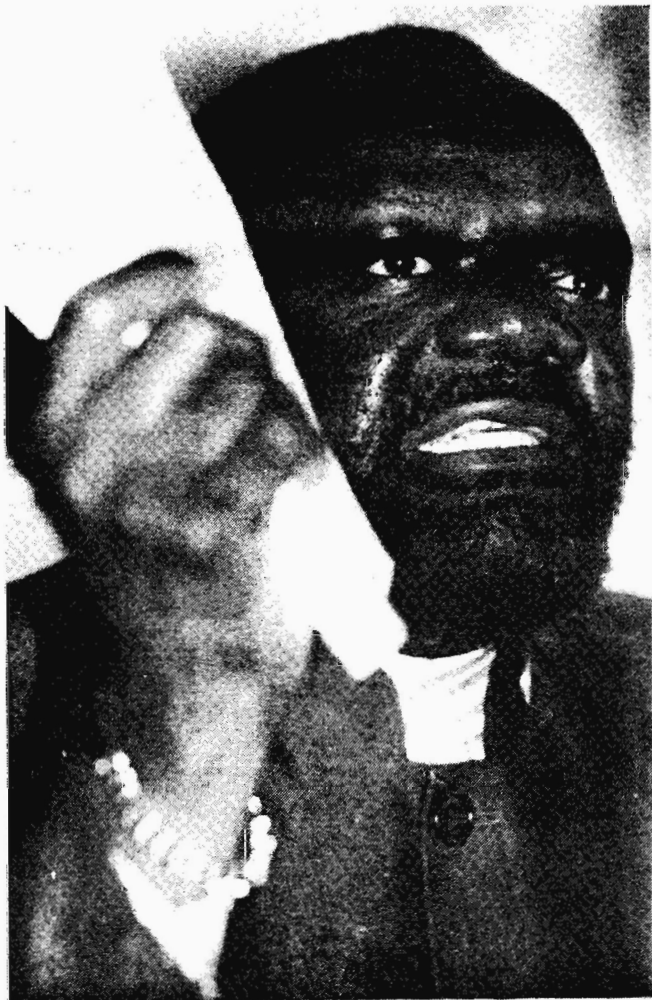
Presentes ao almoço restrito cerca de 30 convidados, incluindo os embaixadores dos Países Baixos e do Reino Unido, o Núncio Apostólico e a embaixadora de Moçambique.



Carel Wessels, quando entregava credenciais a Soares. Foi já há quatro anos...



«O nosso congresso é o primeiro a não querer mais fornecimentos militares para o conflito angolano. Perdemos nele 7 bilhões de rublos»



«Savimbi tem realmente de ter uma capacidade para convencer as pessoas. Se não não estaria à frente da UNITA há 15 anos»

que Angola é e será um dos poucos países africanos verdadeiramente importantes. Por isso gostaríamos de manter boas relações políticas com esse país.

As relações com Pretória

P. — Está previsto o estabelecimento — ou, se quiser, o restabelecimento — de relações diplomáticas plenas entre a URSS e a República da África do Sul?

S. K. — Como sabe, neste momento, essas «relações plenas» não existem. Essas relações devem existir ou não, sob forma de «estabelecimento» ou «restabelecimento»?

Existem ou não condições objectivas para esse estabelecimento de relações diplomáticas? Eu não estou directamente ligado a esse processo, e não posso assim responder-lhe com o conhecimento de todos os factos.

«Contactos com Pretória devem prosseguir mais activamente»

Mas posso dizer-lhe que o tempo chegou para nos ocuparmos desse «dossier». Sem pressas, sem acelerações precipitadas, a nossa relação normal com a R.A.S. pode acontecer.

Durante muito tempo, dizíamos que essas relações diplomáticas estavam dependentes do dismantelamento do «apartheid». Mas segundo muitos observadores, esse sistema está praticamente desactivado. Durante conversas sérias e construtivas em que participei dentro do quadro das negociações preliminares para a independência da Namíbia, com funcionários superiores do Ministério dos Estrangeiros da África do Sul, fiquei a saber o que era realmente o «apartheid» e qual o seu estado presente. Das explicações que recebi, constava que muitas leis que o concretizavam já não existem, não se aplicam ou estão em processo de liquidação.

E devo acrescentar que as manifestações ou outras formas, embora mais leves, de racismo e problemas nacionais, existem em muitos países.

«A UNITA é uma força real em Angola»

«Conheci Savimbi em 73. É activo e enérgico»

Penso portanto que os contactos com a R.A.S. devem prosseguir mais activamente. Durante encontros com os sul-africanos, a propósito da questão da Namíbia, construímos uma experiência de confiança e honestidade. A comissão mista para a zona, com reuniões bimestrais, manteve uma atmosfera que nos permite também pensar numa altura oportuna para o (r)estabelecimento de relações plenas.

Alguns dirão que há o problema do ANC. Mas agora, depois do próprio Mandela participar nas negociações com o Governo da África do Sul, e da execução do programa de reformas políticas, esse argumento deixa de existir. Quanto aos restantes países africanos, as reservas vão desaparecendo, penso eu. Veja-se o caso de Moçambique, por exemplo: não mantém esse país relações estreitas com Pretória? E o Botswana? E o Zimbabwe?

Jonas Savimbi

P. — Como vê o seu governo o papel da UNITA em Angola? Qual é a sua opinião pessoal sobre Jonas Savimbi?

S. K. — Respondo-lhe como pessoa interessada pelo fenómeno político africano: a UNITA é uma força real em Angola. E não só no que diz respeito ao poder militar, que é menos importante do que a influência política. Quanto ao seu papel: se a UNITA quiser pensar a sério sobre o futuro, terá de certeza oportunidade de desempenhar um papel importante na construção e consolidação da paz.

Quanto à segunda parte da pergunta. Há 17 anos, quando era o mais jovem funcionário da embaixada da URSS no Zaire, assisti a um jogo de futebol no Estádio 20 de Maio, em Kinshasa, e, por intermédio de um colega do Ministério dos Estrangeiros do Zaire, conheci Savimbi pessoalmente, achei que era uma pessoa activa, enérgica. A verdade é que tem de possuir uma grande capacidade de convencer as pessoas, porque sem isso não estaria na posição em que está, à frente de uma organização político-militar há tantos anos.

Mas a sua pergunta tem também outra leitura. Tem a ver com o futuro político de Savimbi. Não posso prever o futuro. É uma tarefa ingrata. Decerto a palavra decisiva nesse sentido caberá ao povo angolano.

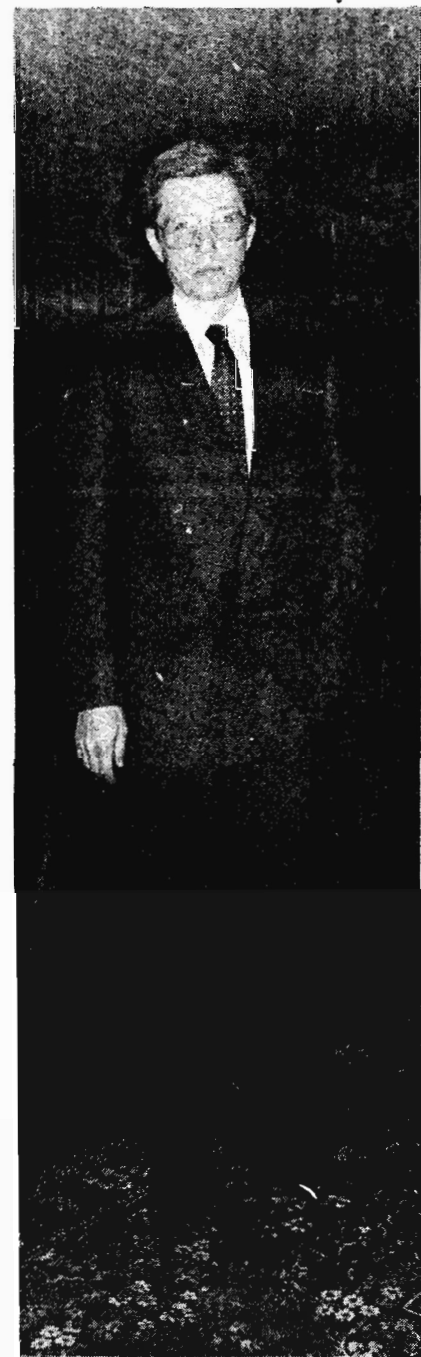
«Fiquei impressionado com a participação portuguesa no Congresso de Quadros Angolanos no Exterior»

O problema das armas

P. — Se os EUA continuarem a fornecer equipamento militar à UNITA, a URSS fará o mesmo em relação ao MPLA?

S. K. — Gostaríamos de ter uma solução militar do tipo «triplo zero». Através dela, os EUA e a URSS deixariam de fornecer material aos beligerantes, os quais deveriam assumir o compromisso de não receber armas de terceiros.

Dizer que a nossa política de fornecimentos não depende da política americana, não seria bem certo mentir-lhe. Mas o nosso Parlamento está hoje em primeiro contra a ajuda militar, e não só no caso angolano. Há a convicção de que se trata de um empreendimento caro, e



«Em Angola, Portugal possui um capital não material de importância decisiva»

(Continua na pág. 16)

ANGOLA: A VISÃO DA «NOVA



«Portugal tem interesses reais em África, e experiência»

■ «Mesmo que cortemos com os EUA, os fornecimentos militares a Angola, há o mercado internacional de armamento...»

(Continuação da pág. 15)

que é um caminho que não conduz a lado nenhum.

Assim, o nosso desejo é o de diminuir o nível de fornecimentos, até terminar com eles. Mas existe um mercado internacional de armamento, com os seus fornecedores, vendedores e regras próprias. Esse comércio é vantajoso para muita gente.

P — Já agora: o problema de Cabinda é dissociável do problema de Angola?

S.K. — Bom, segundo a actual Constituição angolana, Cabinda faz parte do território do país...

Mediadores

P — E quanto a Portugal? Está a ser um bom mediador no processo de paz?

S.K. — A minha primeira observação será a de que, como dizem os próprios colegas portugueses, a missão negocial deles é de «bons ofícios». Mas posso dizer que eles trabalharam activa e convictamente, o que de certa forma é facilitado nestas negociações, mas pelo facto de possuírem um capital não material de importância decisiva. Ele concretiza-se na sua experiência e no conhecimento preciso da realidade africana, para além da manutenção de relações estreitas com vários países e zonas desse continente.

E não falo sequer da organização das conversações por Lisboa: esse aspecto é impecável.

P — O Zaire parece vá-

rias vezes ter tentado assumir o papel de mediador no conflito angolano. Daí que lhe pergunte como classifica o estado actual de relações da URSS com o regime de Kinshasa...

S. K. — A história das nossas relações com o Zaire é difícil. Esses laços foram interrompidos por duas vezes. Há uma espécie de gráfico do estado de saúde das relações, com ascensões e quedas, altos e baixos. E temos de entender que muitos desses acidentes dependeram de diferenças ideológicas. Mas há, por exemplo, uma ausência de trocas comerciais entre os nossos dois países, daí que as eleições permaneçam no estado actual.

P. — Mas essas relações são delicadas também por causa da permanência no Zaire de interesses militares americanos, concretizados, por exemplo, na base de Kamina?

S. K. — O problema dessa base pode ser influente nas nossas relações, mas não é de maneira nenhuma dominante. Temos boas relações com muitos países — como a Alemanha, ou Portugal — que possuem instalações usadas pelo americano nos seus territórios nacionais.

Da euráfrica à eurásia

P. — Para acabar, por agora: do seu ponto de vis-

ta, Portugal é um país europeu ou euro-africano? E a URSS?

S. K. — Geograficamente, Portugal é evidentemente europeu. Mas se olharmos para a história, para as mentalidades, para os costumes, ou cultura, não é possível esquecer que Portugal esteve ligado a África durante 5 séculos. Muitos portugueses de hoje são originários de África.

Fiquei impressionado, por exemplo, com a participação portuguesa no Congresso de Quadros Angolanos no Exterior, que se realizou há pouco tempo em Lisboa.

Essa é uma prova palpável das ligações próximas, estreitas, entre os portugueses e África. E o interesse português por África, tal como o vejo, não é abstracto, simbólico, mas vivo e real. Aí se incluem laços culturais, económicos, pessoais, etc.

Daí que se possa dizer que, até pela sua posição geoestratégica, Portugal está situado bem perto da África.

Quanto à URSS. Geograficamente e psicologicamente, somos euroasiáticos. Como escreveu o nosso poeta e ensaísta Lomonossov, «a riqueza da Rússia será acrescida pela Sibéria». A Sibéria, como sabe, situa-se já na Ásia...

Psicologicamente, isso pode ser curioso, mas a ver-



«A UNITA é uma força real em Angola.»

dade é que a dominação tártara sobre a parte europeia sente-se até aos dias de hoje. No nosso carácter nacional, sobretudo a partir da zona eslava, existe uma noção de submissão a uma vontade suprema, simbolizada no Poder. Por outro lado, temos



«A nossa participação nas conversações destina-se a criar um clima de confiança entre as partes, e a exercer «lobbying» sobre as mesmas». (Na foto, o Instituto de Altos Estudos Militares, onde se desenrolou uma das rondas das presentes conversações»

NOVA URSS»



n Angola. E não me refiro só ao poder militar»

uma tradição bizantina que não pode ser esquecida. E devo referir que, em geral, o nosso povo é colectivista: ao longo dos séculos, a comunidade de aldeia transformou-se numa comunidade estatal.

P. — E não resisto a perguntar: a África é um assunto corrente na mentalidade do «homem da rua» da URSS?

S. K. — Respondo-lhe assim: um dos nossos famosos escritores populares para

crianças, Kornei Tchukovsky, que viveu até aos 88 anos, e que formou muitas gerações com o seus relatos, tinha um trecho que se lia mais ou menos assim:

«Ó crianças, não ides passear a África. Na África é

perigoso. No Limpopo há animais ferozes», e aí por diante.

Esse é o conhecimento do «homem da rua», que aliás se preocupa mais hoje com a sua sobrevivência quotidiana.

Hoje em Londres:

EUA e URSS apoiam mediação portuguesa em Angola

■ «Portugal pode vir a ser chamado à fiscalização do cessar-fogo em Moçambique», diz fonte ligada ao processo na área.

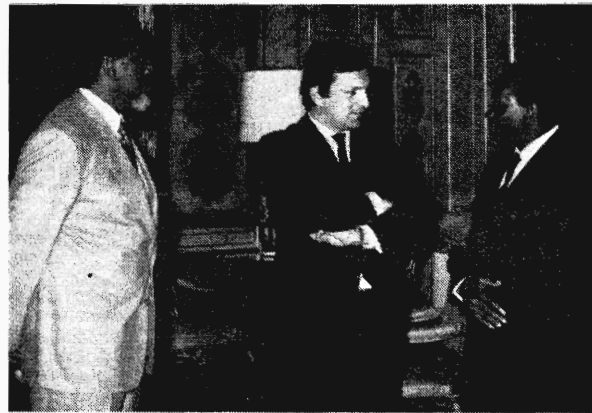
Decorre hoje em Londres um encontro entre dois dos principais responsáveis dos EUA e da URSS em matéria de política africana, os senhores Cohen e Iukalov, onde se decidirá da melhor maneira de incentivar o MPLA e a UNITA a serem mais construtivos e dialogantes nas próximas rondas de conversações sobre Angola.

O encontro, tido por observadores internacio-

nais como um importante passo de apoio à mediação portuguesa no processo de paz, terá a presença de António Monteiro, chefe de gabinete de Durão Barroso.

Moçambique: nova era

«As superpotências e Portugal poderão vir a ser convidadas a participar nas medidas de fiscalização e segurança do ces-



Durão Barroso enviou Henrique Monteiro à quase-cimeira informal de Londres. Portugal não perde «o comboio»...

sar-fogo, se tiverem essa disponibilidade», disse a «o Diabo» uma fonte ligada às conversações para a paz em Moçambique.

Parece assim desmentir-se o alheamento de Lisboa em relação a este «outro» processo de concertação na África lusófona.